

# EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE TÉCNICOS DE ENFERMAGEM EM UNIDADE PEDIÁTRICA

*HILDA MARIA FREITAS MEDEIROS\**  
*SILVIA MARIA DE OLIVEIRA PAVÃO\**

*Esta pesquisa visou investigar quais são as reações mais freqüentes dos alunos do curso Técnico de Enfermagem, em campo pediátrico, que podem interferir no cuidado da criança hospitalizada, bem como verificar a importância dos professores na orientação e apoio para o alcance dos objetivos no estágio em pediatria. O referencial teórico utilizado baseou-se em autores que tratam de questões relacionadas ao ensino e à saúde, tendo em vista as situações de aprendizagem dos discentes no atendimento a crianças doentes no que se refere à prática, à execução, à percepção e à segurança dos procedimentos. As conclusões foram obtidas a partir da análise de oitenta questionários respondidos pelos estagiários, de acordo com os quais se comprovou a fundamental importância da participação efetiva dos docentes nesse momento de atuação teórico-prática dos acadêmicos sob sua supervisão.*

---

\* Professoras da Área de Ciências da Saúde do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria (UNIFRA).

## INTRODUÇÃO

A internação de uma criança em unidade pediátrica provoca sentimentos de medo, angústia e mudanças emocionais que afetam a sua estima e imagem, pois, de modo geral, a percepção da perda da integridade orgânica, da limitação na realização de atividades e da dependência, vão, aos poucos, fazendo parte da realidade dos internados, tanto adultos quanto infantis.

A unidade pediátrica é um ambiente que procura proporcionar constante vigilância e controle sobre os pacientes; para tanto, centraliza recursos humanos e materiais que permitem atendimento eficaz, com base no trabalho de uma equipe multiprofissional, sendo que os profissionais que dela fazem parte devem primar pelo cuidado humanizado. Do contrário, a modificação das rotinas diárias, os procedimentos realizados pelos profissionais que ali atuam podem criar uma atmosfera emocionalmente comprometedora, causando estresse tanto nas pessoas que trabalham na unidade, como nas crianças, o que pode agravar ainda mais o estado de saúde delas.

Os alunos do Curso Técnico de Enfermagem, quando se deparam com o estágio na unidade pediátrica, normalmente reagem demonstrando receio de não conseguirem atuar devidamente como profissionais, deixando-se envolver por sentimentos aflitivos em relação à criança e a seus familiares. Tal situação decorre do fato de precisarem dominar uma série de conceitos e práticas, como compreenderem que a criança, ao ser internada, separa-se das pessoas e objetos que são significantes para ela, (os pais, amigos, a casa, os brinquedos), passando a vivenciar outro contexto, com pessoas e objetos desconhecidos, o que pode gerar atitudes de extremo negativismo ou intolância e comprometer ainda mais seu tratamento.

A criança necessita de condições favoráveis ao seu crescimento e desenvolvimento, como a convivência familiar e comunitária, a nutrição, a saúde, a proteção, o resgate, o respeito, a educação e o brincar, os quais devem ser assegurados pela família e pela sociedade em geral. Sendo assim, a unidade pediátrica procura constituir-se em um ambiente mais agradável, ajustando-se às necessidades e às características de cada situação. Diante disso, é importante que os profissionais que atuam nessas unidades sejam preparados a atender às necessidades emocionais da criança internada, proporcionando atividades recreativas compatíveis com sua idade e condições de tratamento. A equipe de enfermagem deve ser composta por pessoas que gostem de crianças e, principalmente, que tenham capacidade emocional para atender os doentes infantis, compreendendo a importância dessa atividade e dando ênfase a um trabalho humanizado.

No que tange à formação do técnico de enfermagem, a situação de ensino e aprendizagem também fragiliza o aluno, pois se trata de um processo suscetível a variáveis intervenientes, de forma que, nessa condição de estágio em unidade pediátrica, o aluno e o professor devem dominar universos essencialmente complexos.

Por esses motivos, procurou-se investigar quais são as reações mais frequentes dos alunos do Curso Técnico de Enfermagem, em campo de estágio pediátrico, que podem interferir no cuidado da criança hospitalizada e como atuam os professores desses alunos na orientação e apoio para o alcance dos objetivos no estágio em pediatria.

### **O ensino da enfermagem**

Cada professor demonstra, na sua atividade docente, uma maneira própria de ensinar e, quando expressa interesse e amor pelo seu trabalho, também está ajudando os alunos em seu processo de motivação para a aprendizagem. A aprendizagem é definida por Atkinson e Murray (1989) como um processo resultante da prática ou da experiência inferida a partir de mudanças do comportamento do aprendiz.

No que se refere ao professor, acredita-se que ele deva ser um comunicador capaz de despertar o interesse dos alunos, e que considere, além dos aspectos cognitivos, também os psicológicos envolvidos no processo de aprendizagem. A linguagem, então, ocupa um papel central na atividade do professor por carregar, nas suas formas de expressão, a sua cultura, as suas emoções, as suas crenças, os seus preconceitos. O docente não pode, assim, limitar-se apenas em codificar sua mensagem, mas, além disso, deve decodificá-la para os alunos. A preocupação com a reação dos estudantes é importante, pois o bom comunicador precisa ter a capacidade de perceber a reação do outro, como bem fala Rogers (1991) ao referir a questão empática, e ser uma pessoa sensível nas relações humanas (BEZERRA, 1996). Nesse processo empático, estão envolvidos os aspectos não verbais, como a forma de falar, olhar, andar, sentar, interromper, agredir.

A relação professor e alunos pode ser considerada como ponto chave num processo em que se percebem pessoas distintas com experiências únicas, aproximando-se com o objetivo de troca de conhecimentos, em ambientes e momentos específicos. Segundo Rogers (1991), a autenticidade do professor nas relações facilita a aprendizagem, sendo que o docente deve ser congruente, isto é, ser a pessoa que é e ter a consciência plena das atitudes que assume, tornando-se, então, uma pessoa real nas relações com os alunos. O estudante deve ser visto com respeito e como sujeito ativo, motivado, com direito à atenção e à consideração das experiências adquiri-

das anteriormente, ou seja, a aceitação de que o aluno já possui a construção do conhecimento e senso comum suficientes para entender um conteúdo.

Todas essas considerações devem ser levadas em conta durante o período de estágio, momento delicado no início da profissionalização do acadêmico. Nesse sentido, o Técnico em Enfermagem deve ser orientado para perceber as especificidades do ambiente hospitalar, e nele saber atuar de forma eficiente e positiva.

### **Hospitalização**

Lidar com crianças hospitalizadas e seus pais não é uma tarefa fácil. A estrutura familiar é abalada e o profissional da área da saúde deve primar por um atendimento que vise, além do cuidado específico de cada caso, a uma assistência humana e individualizada tanto com as crianças como com seus significantes.

A criança tem sua maneira de sentir, reagir e possui direitos como saber a verdade, ter privacidade, ser compreendida em seus desejos e preferências, necessitando de condições favoráveis ao seu crescimento e desenvolvimento, as quais devem ser asseguradas pela família e pela sociedade em geral. A doença e a hospitalização constituem uma forte crise na vida da criança, que passa a enfrentar experiências estressantes. As reações dos pequenos pacientes são influenciadas diretamente por condições específicas ligadas a seu desenvolvimento, idade, experiências anteriores relacionadas à doença, separação, perdas, apoio prestado pela equipe multidisciplinar hospitalar e pela gravidade da doença.

O supervisor que acompanha os alunos no hospital deve mostrar a importância da atuação da equipe para a recuperação da criança doente, pois o ensino dos procedimentos de enfermagem, que consome a maior parte do tempo dispensado à disciplina, por envolver a aprendizagem de muitas técnicas, não é uma prática fragmentada e tampouco separada dos subsídios teóricos e sustentadores das ações. O estágio deve ser contemplado com procedimentos didáticos que permitam ao aluno situar, observar, aplicar e refletir sem perder de vista a realidade.

Motta (1996) afirma que a hospitalização pode ser uma situação traumática ao provocar alterações significativas no crescimento e desenvolvimento da criança, pois seu ritmo de vida é interrompido. Esse fato pode ser agravado ou não, dependendo da assistência intensiva, estressores ambientais e estímulos sensoriais. A maioria das crianças, durante a internação, é extremamente manipulada, porém não acariciada, o que influencia de forma negativa a sua recuperação. Desse modo, o planejamento das ações de enfermagem deve ser realizado integralmente, com a interação da criatividade

e da ludicidade, por que as crianças precisam de formas adequadas de atendimento, na medida em que não são adultos em miniatura.

Esse entendimento conduz à individualização da assistência de enfermagem, o que exige dos profissionais da saúde uma aguçada capacidade de observação a fim de identificar e controlar precocemente qualquer instabilidade fisiológica e emocional. Tais exigências são, muitas vezes, fontes de ansiedade e insegurança por parte dos alunos dos cursos técnicos, sendo indispensável o papel do supervisor que atua junto deles.

O professor que acompanha os alunos no estágio em pediatria deve estar ciente de que cuidar compreende a sistematização de ações específicas de enfermagem, voltadas ao atendimento das necessidades da pessoa, e não apenas à resolução de problemas, adotando uma postura técnico-científica e ética com a finalidade de diminuir o trauma e suas conseqüências para a criança, família e alunos. Em nenhuma outra fase da vida, a hospitalização é tão marcante como para a criança entre 18 meses e 5 anos, justamente pelas características e limitações dessa faixa etária.

## **METODOLOGIA**

A metodologia empregada consistiu na pesquisa de campo, exploratória e descritiva. Os sujeitos escolhidos foram 80 alunos em estágio na unidade pediátrica, do Curso Técnico de Enfermagem de uma instituição de ensino do município de Santa Maria - RS. Os estágios desse Curso são realizados em um hospital de porte médio que atende a clientes do Sistema Único de Saúde - SUS. A investigação foi realizada nos meses de setembro, outubro e novembro do ano de 2002. Os sujeitos foram convidados a participar da pesquisa respondendo a um questionário, aplicado pelas autoras, composto de quatro perguntas abertas, envolvendo o tipo de vivência diária com crianças, as expectativas em relação ao estágio em pediatria e a capacidade de desvincular problemas pessoais de atividades acadêmicas. Ao receberem o instrumento, os sujeitos da pesquisa foram informados sobre a natureza, os objetivos da investigação e a garantia do sigilo. A análise dos dados foi realizada de maneira qualitativa, com a transcrição dos discursos dos alunos e a exclusão dos argumentos que se repetiram, pautando-se pelos requisitos necessários de realidade, relevância, clareza, profundidade e extensão (LAKATOS; MARCONI, 1995).

## DISCUSSÃO DOS DADOS

Com idade média entre 21 e 30 anos, os alunos investigados eram, em sua maioria, do sexo feminino. Em grande parte, a amostra apresenta sujeitos que possuem contato diário com crianças: alguns, os próprios filhos, ou os filhos de parentes e amigos. Esse dado permite verificar como os alunos conhecem o universo infantil, de modo geral.

Constatou-se que a maior parte dos estudantes, com relação aos sentimentos vivenciados no estágio de pediatria, sentem medo devido à grande responsabilidade que é trabalhar com crianças. A análise qualitativa dos relatos dos sujeitos registrados nas perguntas abertas demonstrou, por um lado, que, para eles, se à criança devem ser dadas as garantias de uma vida saudável, que inclui o universo lúdico, os estagiários devem saber intercalar cuidado e recreação, favorecendo à criança hospitalizada um ambiente que lhe proporcione sentir-se à vontade. Dessa forma, a equipe de saúde é quem deverá favorecer e proporcionar esse elo durante a hospitalização. Por outro, muitos associam o universo infantil a bem-estar, tranquilidade e alegria, o que dificulta o olhar para a criança hospitalizada de forma objetiva, pois são associados sentimentos de piedade, que não são compatíveis com o cuidado necessário ao pequeno paciente.

Vivenciar, assim, situações desconhecidas, não presenciadas anteriormente, provoca insegurança, principalmente para os alunos que estão iniciando seus estágios, bem como sentimentos de impotência e ansiedade. Cabe ao professor demonstrar confiança, explicar corretamente todos os passos das aulas práticas, salientando que todos são capazes e que estão ali para aprenderem juntos a cuidar de seres humanos especiais, criando-se um elo de confiança entre professor/aluno/paciente.

Ao considerar a hospitalização como um sofrimento para a criança e seus familiares, o cuidado de enfermagem deve ser qualificado e voltado a um atendimento que facilite essa adaptação, favorecendo uma melhora rápida e tornando o ambiente mais familiar. É sobre esse cuidado que o aluno deve ser orientado e acompanhado pelo professor, primando por condições que o façam aprender e pôr em prática uma assistência humanizada. Marcondes (2002) diz que vários são os fatores que interferem na adaptação da criança ao hospital e os profissionais que atuam com criança devem realizar um cuidado que atenda a suas necessidades, respeitando as diferenças individuais de cada ser humano.

Embora metade dos respondentes tenham afirmado que conseguem separar o aspecto pessoal do profissional em relação a suas atitudes com a criança doente, muitos admitiram que alternam o comportamento depen-

dendo de cada caso, nem sempre conseguindo essa separação. Outros afirmaram que não conseguem separar sua vida pessoal da profissional, embora reconheçam a importância de fazê-lo, pois muitas vezes essa maneira de agir interfere no cuidado com a criança enferma. Separar o pessoal do profissional é compreendido, no âmbito da saúde, como uma exigência para que não seja prejudicada a assistência de enfermagem.

O estresse, a culpa e a raiva levam os profissionais da saúde e os familiares das crianças doentes a experienciar sentimentos de tristeza e angústia. Os familiares, muitas vezes, canalizam esses sentimentos para os profissionais que estão trabalhando na unidade pediátrica, os quais, por sua vez, não devem julgar nem revidar, pois sua tarefa é cuidá-los e orientá-los nesse momento tão delicado, encarado de diferentes maneiras de acordo com crenças e hábitos. O técnico de enfermagem deve ser preparado para essas situações e procurar entender cada paciente e familiar por intermédio do conhecimento de sua história e cultura. O professor tem um importante papel, pois sem uma orientação adequada, em campo de estágio, que favoreça a adaptação desse futuro profissional em relação à criança, a seus familiares e a seu próprio perfil e potencialidades, os objetivos ideais de uma boa assistência pediátrica podem não ser alcançados.

Assim, é importante que a criança e os pais sejam acolhidos na unidade pediátrica pelos profissionais que ali atuam, tornando o ambiente humanizado, facilitando a sua adaptação e interação com o novo. Os alunos que realizam estágio nessa unidade precisam aprender a lidar com as crianças de forma que sejam favorecidos esses padrões de relacionamento, nos quais só cabem atitudes honestas, pois os pequenos pacientes precisam de respostas francas, claras e simples. Esse clima de relacionamento interpessoal entre equipe, crianças hospitalizadas e familiares é importante para uma boa estada e recuperação positiva.

O aluno deve ser preparado continuamente, em campo de estágio, para dar assistência qualificada, sendo sensível às frustrações que a criança e sua família estão enfrentando, bem como a seus anseios pessoais, cabendo ao professor supervisor acompanhá-lo, auxiliando-o nas dificuldades que certamente surgirão no decorrer desse período. A boa interação da equipe, o equilíbrio emocional tanto individual quanto do grupo, são fatores imprescindíveis na atenção às situações de hospitalização em unidades pediátricas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho foi possível conhecer alguns dos mais recorrentes sentimentos dos estagiários do Curso Técnico de Enfermagem em unidade pediátrica, bem como a importância da atuação do professor nessa fase de formação profissional de seus alunos.

Conclui-se que, por um lado, os receios e dificuldades demonstradas em campo de estágio podem ser considerados normais, principalmente diante da expectativa dos familiares de crianças doentes e dos outros profissionais da saúde que esperam do técnico de enfermagem uma atuação no cuidado que, muitas vezes, supera sua própria capacidade. Por outro, os sentimentos de insegurança são minimizados quando os alunos recebem uma boa orientação de seus professores, os quais devem acompanhá-los e inseri-los no campo de estágio, favorecendo e criando um vínculo entre paciente/familiar e os estagiários na assistência.

À medida que o professor demonstra prazer e carinho pelo seu trabalho assistencial junto às crianças doentes e aos alunos, esses últimos sentem-se mais acolhidos e menos inseguros para realizar os procedimentos de saúde que lhe são incumbidos. Os alunos espelham-se muito no exemplo dos seus mestres, razão pela qual o docente deve especializar-se cada vez mais em seu trabalho didático. Quando a sua atuação pedagógica ocorre no hospital, pode-se dizer que sua tarefa é ainda mais importante, pois abarca em uma só ação os processos de educação e saúde. Ensinar enfermagem exige muito daquele que o faz, pois o professor deve conseguir superar suas próprias expectativas em relação à vida pessoal e à profissional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINSON, L. D.; MURRAY, M. E. *Fundamentos de enfermagem*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

BEZERRA, O. B. *Implicações pedagógicas da comunicação interativa*. 1996. 114 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de Mackenzie, São Paulo, 1996.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1995.

MOTTA, M. G. C. A criança e seu desenvolvimento neuropsicomotor. In: EINLOFT, M. et al. *Manual de enfermagem em UTI pediátrica*. Rio de Janeiro: Medsc, 1996.

ROGERS, C. R. *Tornar-se pessoa*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.